



Quando os espaços se fecham para o equívoco
Lorsque les espaces se ferment-ils pour l'équivoque

Suzy Lagazzi*

Resumo:

Neste artigo retomo o equívoco na relação com o acontecimento discursivo para discutir a estabilização de sentidos no social. Tenho como ancoragem analítica o filme *Era uma vez...*, que tematiza as contingências que cercam o sujeito na dicotomia entre o Morro do Canta Galo e o Bairro de Ipanema. Na não-escuta entre os dois espaços focalizo o funcionamento da antecipação, buscando compreender a reiteração da previsibilidade das interpretações.

Palavras-chave: Equívoco, acontecimento discursivo, espacialização urbana, dicotomias sociais, antecipação.

Résumé:

Dans cet article je reprends l'équivoque par rapport l'événement discursif pour discuter la stabilisation du sens dans le social. J'ai comme ancrage analytique le film *Era uma vez...*, qui thématise les contingences qui entourent le sujet dans la dicotomie entre la colline Canta Galo et le Quartier d'Ipanema. Dans le non-écoute entre les deux espaces, je me concentre sur le fonctionnement de l'anticipation, en essayant de comprendre la réitération de la prévisibilité des interprétations.

Mots-clés: Equivoque, événement discursif, spatialisation urbaine, dichotomies sociaux, anticipation.

* Professora do DL/IEL/Unicamp, e-mail: slagazzi@gmail.com. Rua Sérgio Buarque de Holanda, 571. CEP.13083-859 Campinas/SP



“Moro no lugar mais bonito do mundo: o Morro do Canta Galo. Uma favela no bairro mais rico do Rio de Janeiro. Gari, babá, ambulante, flanelinha, garçom, motorista, boy. É muita gente. Faço parte dessa multidão invisível que trabalha todos os dias nas ruas de Ipanema. Quase ninguém nota nossa presença. Minha mãe sempre disse que rico é rico e pobre é pobre. Cada um vive pro seu lado. Mas toda vez que eu via ela [a princesa], eu esquecia disso. ”

Esta fala abre o filme *Era uma vez...* Uma história de um conto que não é de fadas e que boicota totalmente o “foram felizes para sempre”. Um filme que apresenta um final trágico, num argumento muitas vezes reiterado: uma história de amor entre um garoto pobre e uma garota rica, a “princesa”. Mas mais que um romance, uma história entre o Morro do Canta Galo, “o lugar mais bonito do mundo”, e Ipanema, “o bairro mais rico do Rio de Janeiro”, no qual a favela que nele se situa, justamente o Morro do Canta Galo, não entra. Um paradoxo? Não, uma questão de relações de força. A geografia que impera nesse caso é a de um imaginário circunscrito por limites econômicos: “rico é rico, pobre é pobre” e “cada um vive pro seu lado”. Mas às vezes os espaços se invadem.

A negação do equívoco

Essa invasão de espaços abordada em *Era uma vez...* me fez pensar sobre o equívoco e os modos de negá-lo. Pêcheux (1990a) nos fala da “tentação de negar o equívoco do acontecimento” e da “tentação de negar o próprio acontecimento”. No que diz respeito à invasão de espaços entre pobres e ricos poder vir a ser um acontecimento, é importante compreender o que boicotaria o acontecimento: trabalhar a partir da dicotomia rico/pobre, por exemplo lutando por melhor infraestrutura na periferia, ou ignorar essa dicotomia, significando a cidade num conjunto homogêneo, por exemplo lutando por melhorias no trânsito. Estaríamos cedendo às duas tentações apontadas por Pêcheux. No primeiro caso negando a possibilidade do equívoco do acontecimento ao

reafirmar a dicotomia dos espaços, e no segundo caso negando o próprio acontecimento pela concepção do espaço da cidade como comum a todos. Dois modos de não nos debruçarmos sobre as determinações que levam a essa dicotomia. Duas tentações que nos acolhem em lutas legítimas!

A delimitação da cidade em espaços de ricos e espaços de pobres, “cada um pro seu lado”, impermeáveis uns aos outros, me impõe a necessidade de pensar sobre as nomeações “rico” e “pobre”. Quais derivas de sentido cada uma dessas nomeações abriga? Qual o pré-construído que sustenta essas nomeações em sua eficácia simbólica?

A divisão rico/pobre continua estabilizada na afirmação tautológica “rico é rico e pobre é pobre”, numa suficiência que parece não suscitar nenhuma dúvida. Que evidência é essa que nos faz não desconfiar de que “rico é rico e pobre é pobre”? O verbo ‘ser’, em sua conjugação objetiva e positiva ‘é’, afirma um “estado” com efeito de natureza para sujeitos que ficam categorizados¹. Embora a ascensão social fique ressoando como possibilidade em nossa sociedade (neo)liberal, embora a economia teime em ainda subdividir a população em classes nomeadas por letras de A a E e classes adjetivadas por combinações esdrúxulas entre “alta”, “média” e “baixa”, as condições da riqueza e da pobreza e os sentidos que daí decorrem para pobres e ricos estão muito bem delimitados e separados uns dos outros.

A dicotomização me captura pela eficácia de seu funcionamento. Sempre em busca de sínteses conciliadoras, nossa sociedade legitima as dicotomias num funcionamento opositivo porque não suporta contradições, que teimam em expor as diferenças que impedem a afirmação da unidade. A oposição abre espaço para negociações e sínteses na previsibilidade das antecipações que permite. Já a contradição nos demanda nos equívocos que produz ao confrontar significante e história.

Falando do discurso revolucionário, Pêcheux (1990b) chama a atenção para estratégias imobilizadoras:

“[...] as estratégias de tomada da palavra, de inversão e de contra-identificação especular que constituem os discursos revolucionários na sua relação com o Estado (ao mesmo tempo garantia do estado de coisas existente e agente geral da “mudança”) são escritas conjuntamente no registro histórico tanto dos dispositivos estatais como dos programas revolucionários.

Neste sentido, pode-se dizer que os discursos de revolução [...] tendem inevitavelmente a tornar simétrico algo presente nos discursos da ordem estabelecida, prefigurando a ordem estatal revolucionária (com seus

¹ Cf. a análise do verbete ‘analfabeto’ feita por Mariza Vieira da Silva (1996).

aspectos administrativos e religiosos de tipo novo que aí se manifestam conjuntamente e com insistência).

Este ponto poderia contribuir para explicar porque os discursos revolucionários contemporâneos se encontram a um tal grau presos à lógica das fronteiras, desembocando por vezes em uma lógica paranóica da interpretação: a administração religiosa do sentido, gerida por porta-vozes/ permanentes/ funcionários no espaço sem sobra de uma contradição simétrica, que foge de toda heterogeneidade interna.

Do mesmo modo, a época do discurso revolucionário superacumulado sob a forma de uma lógica da inversão estratégica é também a época de um esgotamento dos recursos internos deste discurso: a lógica da inversão se esgota de tanto recobrir as resistências e as revoltas imprevisíveis que adormecem sob os dispositivos e os programas. Ela se esforça por remetê-los, de antemão, “a seu lugar”, o que constitui justamente o índice do *efeito de deslocamento* que aí é induzido: como se todos esses enunciados sem locutor, esses relatos geradores de acontecimentos sem porta-vozes, esses efeitos discursivos que trabalham na margem, sem enunciador legítimo, incomodassem a ordem revolucionária.” (p.18-19)

A tendência à simetria e a lógica da inversão, ressaltadas por Pêcheux, se mostram como modos de negação do equívoco e me fazem olhar para as relações de conflito social perguntando pelas abordagens que acabam por corroborar com a manutenção de dicotomias estabilizadoras, embora pensadas para colocar em pauta as fragilidades dessas relações.

O morro em suas derivas

Volto a *Era uma vez...* O filme nos apresenta as contingências que cercam o sujeito na pobreza e no Morro. Focalizando a não-escuta entre pobres e ricos, reitera a forte presença da insensibilidade no social, marcada na previsibilidade das interpretações já estabilizadas. Nesse espaço das contingências, da insensibilidade e da previsibilidade quero fazer meu investimento analítico e teórico do filme.

Começo pelo funcionamento da antecipação, que Pêcheux afirma, na AAD-69 (GADET e HAK, 1990), fazer parte de todo processo discursivo: “o orador experimenta de certa maneira o lugar do ouvinte a partir de seu próprio lugar de orador: sua habilidade de imaginar, de preceder o ouvinte é, às vezes, decisiva se ele sabe prever, em tempo hábil, onde este ouvinte o “espera””. Esse funcionamento consiste, portanto, de uma “antecipação das representações” do interlocutor, entendida a representação como esse lugar do interlocutor “presente, mas transformado”. Ligando a antecipação às formações imaginárias, Pêcheux continua: “em outros termos, o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se

atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro”. Completando a tríade, o autor traz as “regras de projeção”, que estabelecem as relações entre as *situações* e as *posições*. Ou seja, estamos falando do que é possível o sujeito antecipar a partir das determinações que o constituem e que definem sua posição no discurso.

Em *Era uma vez...* o funcionamento da antecipação é muito significativo, já que o filme contrapõe o morro ao bairro, com muitas decorrências que isso traz. Tomando as derivas possíveis a partir da dicotomia pobres e ricos, *Era uma vez...* enfatiza, no que tange ao morro, a relação deste com o tráfico, a bandidagem e a violência, substantivos que compõem, na estabilização social dos sentidos, a mesma família parafrástica da qual fazem parte pobre e pobreza. Como o morro abriga tanto o pobre quanto o bandido, estes ficam imaginariamente congregados num mesmo espaço, no qual as fronteiras dos sentidos se diluem e o pobre se torna um bandido em potencial. Assim, ser identificado como um morador do morro significa, necessariamente ser pobre e potencialmente ser bandido, traficante, violento e perigoso. Essas imagens deslizam entre si sob o olhar que vem de fora do morro, o olhar do morador do Bairro de Ipanema, “o bairro mais rico do Rio de Janeiro”, e também sob o olhar do morador do morro que não se identifica com o tráfico. O filme focaliza essa questão no jogo das antecipações que vão se produzindo entre os moradores do morro, que não é um só, e entre os moradores do morro e do bairro. Concomitantemente temos a apresentação para o espectador das contingências que vão significando e relativizando muitos dos gestos dos sujeitos, em alguns casos compondo justificativas para a violência e a transgressão.





“Beto, se você entrar no time do Flamengo você compra uma bicicleta pra mim?”

“Ei que bicicleta! Eu vou comprar um carro de rico, logo!”

“Essa é a minha chance, moleque!”

“Nóis não teve culpa não, mãe!

Olha aqui, a gente vai voltar pra rua, porque eu prefiro passar fome do que ver vocês envolvidos com essa gente!”

“Não fica assim não, Beto, você tá quase bom. Já, já você vai poder voltar a jogar bola. Eu vi: o olheiro do Flamengo gostou de você!”

A mãe é que tá certa, Dé! Tem que arrumar um trabalho direito.”

“Vou matar aquele filha da puta, mãe!

Arruma tuas coisas agora! Eu já perdi um, dois eu não vou aguentar. Some daqui, Carlão! Agora!”

Os fotogramas e excertos acima narram a tragédia da morte de Beto, irmão de Dé e Carlão. Essa narrativa é lembrada por Dé logo no início do filme, e vem contextualizar a saída de Carlão do morro, que passa a trabalhar como guardador de carros e depois vendedor de cachorro quente nas ruas de Ipanema. São imagens e enunciados carregados de afeto, consternação, enfim, emoção, e significam o morro na divisão entre o tráfico e o bem, entre “essa gente” e “nós”. Mostram as formações imaginárias marcadas na

relação entre ricos e pobres, na busca por um “trabalho direito”. A palavra ‘rico’ compõe com a imagem da pobreza, o sintagma ‘essa gente’ compõe com o ‘nós’ que as imagens configuram, produzindo na imbricação das materialidades significantes² as dicotomias que estruturam o filme. Na continuidade do enredo, Carlão será a personagem que migrará para a marginalidade, vítima de contingências e antecipações implacáveis que o significaram como bandido e o levaram a ser preso.



² Cf. Lagazzi (2009, 2011a, 2011b).



“Cê tá maluco, Dé? Pirou, moleque? Se te pegam tu vai preso, porra! Tu não é bandido igual a ele, moleque! Nem nunca vai ser! Mas ele disse que vai te matar. E eu não quero que você morra! Deixa essa porra comigo. Tira a mão, tira a mão.”
“Solta ele, solta ele! Ele é meu irmão, ele é meu irmão! [...] Documento, documento! [...] Tá aqui na mochila. [...] Não sou bandido não, cara! De quem é esta porra aqui? [...] Solta ele, solta ele...”

Na continuidade das dicotomias, a antecipação funciona nessas imagens pela remissão do intradiscurso ao interdiscurso, procedimento que tenho trabalhado como processo de deslinearização da imagem³. Isso significa dizer que a formulação visual precisa ser descrita no confronto com a memória do dizer, para poder ser compreendida em diferentes desdobramentos de imagens. No conjunto dos fotogramas acima recortados, as formulações visuais nos apresentam as personagens em diferentes relações com esse objeto símbolo de violência em nossa sociedade: personagens sob a mira de um revólver, personagens empunhando um revólver, personagens confrontados quanto à posse de um revólver. Cenas de violência que nos falam de um social tenso, conflituoso, cruel, marcado pela contradição entre bandidos e vítimas, mas sobredeterminado pela lógica disjuntiva entre pobres e ricos. As diferentes composições intradiscurivas, referidas umas às outras e remetidas à memória do dizer, nos mostram, pelo acontecimento da estrutura, a tênue fronteira entre ser vítima e ser bandido. Um revólver no lugar errado, na hora errada. Um trabalhador ambulante, negro, potencialmente

³ Cf. Lagazzi (2014).

perigoso. A antecipação se faz implacável e a prisão é a consequência previsível que testemunha a absoluta não-escuta entre posições estabilizadas na dicotomia.

O revólver em foco, na mão de bandidos e vítimas, metáforiza metonimicamente⁴ a violência dessa sociedade dividida. Diferentes sentidos para a violência se condensam no gesto de empunhar a arma, dependendo da mão que o segura, mas essa leitura fica barrada em *Era uma vez...* e reforça uma interpretação inequívoca da violência como ameaça à vida. Este ponto nos leva para uma das cenas finais do filme.



“Eles vão me matar, Nina. Eles vão me matar ou aqui ou na cadeia. Eu não sou bandido.”

Esta fala antecede a cena acima fotografada. Por um conjunto de contingências injustas, Dé é acusado de ter sequestrado Nina, quando na verdade ele a salvou. Os dois jovens, tentando voltar pra casa de Nina, são surpreendidos por um forte esquema de segurança montado em frente à casa da garota. Ao avistarem os jovens, os policiais interpretam que Dé ainda mantém Nina como refém e os perseguem. Os dois jovens se refugiam no quiosque no qual Dé trabalha, em frente ao apartamento onde mora Nina. O aparato policial cerca o local, exigindo que Dé liberte a garota. Dé está tomado pelo medo de sair e Nina tenta convencê-lo de que tudo vai dar certo. Nesse momento tem lugar a fala acima destacada: *“Eles vão me matar, Nina. Eles vão me matar ou aqui ou na cadeia. Eu não sou bandido.”* Na cena seguinte vemos as janelas do quiosque se abrirem e os dois jovens nas posições a eles imputadas: de refém e sequestrador, de vítima e bandido. Dé é morto por um tiro certo de um policial e Nina acaba também sendo morta, depois de começar a atirar contra os policiais, tomada pelo desespero e pela revolta de ver Dé morto.

⁴ Cf. Lagazzi (2013, 2014).

Quero chamar a atenção para o fotograma acima. O rosto encapuzado e a mão armada imobilizam os sentidos e afirmam a posição-bandido, focalizando nosso olhar nos gestos do sujeito e fazendo apologia à vida. É muito significativo que a saída encontrada pelos jovens tenha ficado atualizada pela memória estabilizada da dicotomia bandido/vítima, na qual ressoa a dicotomia bandido/pessoa de bem, que na sequência nos traz a dicotomia pobre/rico. O pobre deixa de ser um bandido em potencial para se tornar bandido de fato. A contradição que constitui essas relações fica silenciada e o morro fica reiterado como lugar de bandido. A cena acima, tantas vezes visualizada em situações nas quais há “reféns” e “bandidos”, é uma cena limite, prototípica da falência das negociações, na qual a última cartada se dá pelo argumento da vida.

Em *Era uma vez...* o conjunto de contingências injustas significa o social no silenciamento das determinações históricas. São contingências da vida do sujeito, o que traz o foco da discussão do social para o indivíduo. A polissemia da cidade, do morro, da violência fica contida na previsibilidade das interpretações que as dicotomias determinam. Ser vítima de contingências é uma questão que reafirma o sujeito dissociado do social. A própria vitimização já é um sintoma do viés subjetivista.

Em torno do sujeito e do subjetivismo

O investimento na vida das personagens buscando as contingências, num percurso de humanização que acolhe emoções, é uma abordagem que reitera as dicotomias estabilizadoras, embora se proponha a colocar em pauta as fragilidades das relações sociais.

Paul Henry (1990), ao discutir o sujeito na comparação entre Foucault, Derrida, Lacan e Althusser, afirma: “devemos ter em mente qual era o objetivo de Foucault: definir um caminho novo no campo ocupado pela tradicional história das idéias; um caminho que poderia renovar a história das idéias, contornando o que a entrava: suas referências a uma subjetividade psicológica considerada como princípio explicativo.” Este é um ponto importante para dar consequência ao procedimento de humanização que destaco na análise de *Era uma vez...* Ter como princípio explicativo a subjetividade psicológica desvia o olhar da história. Esta também sempre foi uma questão para Pêcheux. Em termos bastante resumidos, Paul Henry (idem) dirá que “o sujeito de Foucault é o sujeito da “ordem do discurso””, um sujeito da ordem da linguagem, da ordem do enunciado, e eu acrescentaria, um sujeito da ordem do poder e das instituições. No que concerne a Pêcheux, Paul Henry dirá que ele “se colocou entre o que podemos chamar de “sujeito da

linguagem” e “sujeito da ideologia”, tentando discernir “as relações entre a “evidência subjetiva” e a “evidência do sentido””. Isso significa que se afastar da subjetividade psicológica como princípio explicativo é necessariamente tomar a “evidência subjetiva” na relação com a “evidência do sentido”, buscando as determinações históricas ao invés de contingências que afetam indivíduos em seus gestos e em suas vidas.

Retomo Pêcheux (1990a) para reafirmar a força da trilogia subversiva Marx-Freud-Saussure no “desafio intelectual” de colocar “em causa as evidências da ordem humana como estritamente bio-social”:

“Restituir algo do trabalho específico da letra, do símbolo, do vestígio, era começar a abrir uma falha no bloco compacto das pedagogias, das tecnologias [...], dos humanismos moralizantes ou religiosos: era colocar em questão essa articulação dual do biológico com o social (excluindo o simbólico e o significante). Era um ataque dando um golpe no narcisismo (individual e coletivo) da consciência humana [...] um ataque contra a eterna negociação de “si” (como mestre/escravo de seus gestos, palavras e pensamentos) em sua relação com o outro-si.” (p.45)

Focar a insensibilidade do social pelo viés das contingências que afetam a vida dos indivíduos é uma maneira de ceder às tentações estabelecidas por Pêcheux no que diz respeito ao equívoco, já que as determinações históricas ficam reféns de intenções subjetivas, localizadas no espaço de um humanismo que oscila entre o bem e o mal.

Bibliografia

GADET, F. e HAK, T. **Por uma Análise Automática do Discurso. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux.** Campinas: Unicamp, 1990.

HENRY, P. Os fundamentos teóricos da “Análise Automática do Discurso” de Michel Pêcheux (1969). In: **Por uma Análise Automática do Discurso. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux.** Campinas: Unicamp, 1990.

LAGAZZI, S. O recorte significante na memória. Apresentação no III SEAD – Seminário de Estudos em Análise do Discurso, UFRGS, Porto Alegre, 2007. In: **O Discurso na Contemporaneidade. Materialidades e Fronteiras.** F. Indursky, M. C. L. Ferreira & S. Mittmann (orgs.). São Carlos: Claraluz, 2009. p.67-78.

_____. A materialidade significante em análise. In: **A Análise do Discurso e suas Interfaces.** L.V.Tfouni, D.M.Monte-Serrat, P.Chiaretti (orgs.). São Carlos: Pedro & João, 2011a. p.311-324.

_____. O Recorte e o Entremeio: condições para a Materialidade Significante. In: **Análise de Discurso no Brasil: pensando o impensado sempre. Uma homenagem a Eni Orlandi.** E.A.Rodrigues, G.L.Santos, L.C.Branco (orgs.). Campinas, RG Editores, 2011b. p. 401-410.

_____ A imagem do corpo no foco da metáfora e da metonímia. In: **REDISCO** V.2. n.1, jan./jun. 2013b. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2013. p.104-110.

_____ Metaforizações metonímicas do social. In: **Linguagem, sociedade, políticas**. E. Orlandi (org.) Pouse Alegre: UNIVÁS; Campinas: RG Editores, 2014. p.105-112.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 1990a.

_____ Delimitações, Inversões, Deslocamentos. In: **Caderno de Estudos Linguísticos**. Campinas, (19): 7-24, jul./dez. 1990b

SILVA, M.V. "O Dicionário e o Processo de Identificação do Sujeito", GUIMARÃES, E. e ORLANDI, E. (orgs.) **Língua e Cidadania: O Português no Brasil**. Campinas: Pontes, 1996.

Era uma vez... Direção de Breno Silveira. Rio de Janeiro: Sony Pictures e Globo Filmes, 2007. (117min)

Para citar essa obra:

LAGAZZI, S. Quando os espaços se fecham para o equívoco In: RUA [online]. 2014, Edição Especial - ISSN 1413-2109. Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade. <http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>

Capa: **Era uma vez...** Direção de Breno Silveira. Rio de Janeiro: Sony Pictures e Globo Filmes, 2007. (117min)

Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB
Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP
<http://www.labeurb.unicamp.br/>

Endereço:

LABEURB - LABORATÓRIO DE ESTUDOS URBANOS
UNICAMP/COCCEN / NUDECRI
CAIXA POSTAL 6166
Campinas/SP – Brasil
CEP 13083-892
Fone/ Fax: (19) 3521-7900
Contato: <http://www.labeurb.unicamp.br/contato>